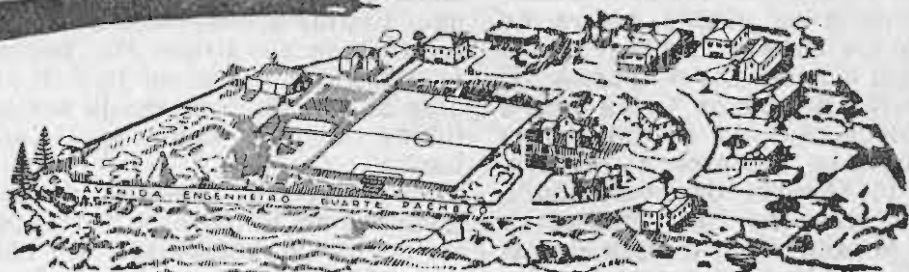




Gaiato



Visto pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º 206
Preço 1\$00

AQUI, LISBOA!

VENDA

DO JORNAL

Está a terminar o quarto ano de vida desta Casa do Gaiato das ruas e bicos de Lisboa. Quatro anos de lento mas contínuo progresso! Queríamos ter corrido e voado na construção e reconstrução deste Santuário de Almas; queríamos até ter já cantado a vitória final, mas obras destas, não se acabam num dia nem se solidificam sem a argamassa de muito suor e sangue.

Sangue e suor de quem mendiga e de quem se priva do supérfluo e até do que faz falta, para acudir aos que nada têm.

Apesar de muito termos andado, não chegamos ainda a meio do caminho.

Lisboa não tem ainda a Casa do Gaiato de que precisa, e que a sua categoria de capital exige.

Não apareceu, até à data, como no Porto, ninguém a tomar à sua conta as oficinas, nem o hospital, nem a igreja.

Temos, por isso, de andar mais devagar. De mãos erguidas, vamos contudo dando graças a Deus pelo pão nosso de cada dia que nunca nos faltou.

Agora mesmo acaba de sair daqui um senhor que depositou, nas nossas mãos, um envelope com dez mil escudos. O seu último gesto foi o apertar os lábios com os dedos a impor-me silêncio. E' homem que conhece, por dever de ofício, a altura, profundidade e extensão da miséria das tocas de Lisboa. E' o primeiro que ouço falar do assunto com conhecimento de causa.

Compreendemo-nos perfeitamente, ambos choramos as desditas dos nossos irmãos.

Ele quer mais casas, mais quintas, mais rapazes salvos.

—Depois de concluídas estas obras, padre, não me diga que vai parar...

—Oh, não! tranquilizei, ou aqui executando um vasto plano já estudado, ou noutras terras onde chamem por nós, as Casas do Gaiato hão-de continuar a construir-se até ao fim do mundo.

Este donativo bem como os outros já aqui mencionados de trinta, vinte, dez, cinco contos bem como numerosíssimos outros mais pequeninos, mas de igual ou superior beleza e mérito perante Deus, representam muita confiança depositada naqueles que servem a Obra da Rua.

Pelo que me diz respeito, não quero desmerecer essa confiança, e, por isso, neste findar de ano, venho dar contas da minha administração.

Quanto ao número dos rapazes, não sei ao certo quantos são. Padre Américo deixou-me ordem para não passar dos cem, e, como não quero

desobedecer nem mentir ainda os não contei. Aqui só um rapaz sabe a conta exata: é o que corta o pão.

Na multiplicação desses pedaços de pão foram-se-nos duzentos e quarenta contos, tendo a Assistência contribuído apenas com um terço desta quantia, o que equivale a dizer que, com cada um destes rapazinhos, o Estado gastou, por dia, dois mil e quatrocentos reis. Ora eu já ouvi dizer que nalguns estabelecimentos de assistência oficiais, ha diárias que chegam a atingir a quantia de setenta escudos. Metade que fôsse, por esta simples amostra, pode avaliar-se quanto a Assistência Particular poupa à Nação: quanto nós estamos a beneficiar a Nação!

Mas isso não impede que seja

ainda muito regateada a ajuda que recebemos. No capítulo das obras, assumas são mais avultadas. Gastámos com elas duzentos e 72 contos.

Foram portanto quatrocentos e trinta e oito, os contos que nós, chorando, juntamos nos

púlpitos das igrejas; os que os nossos Rapazes gritando, obtiveram na venda do jornal, tudo somado com os donativos que no Montepio Geral, no Banco e aqui em casa os nossos benfeitores, resando, depositaram no banco da Providência. E quem não acreditar no milagre, que abra os olhos e veja se em tudo isto, não há um milagre bem palpável.

Neste lumiar do novo ano, nós vimos garantir que acreditamos no milagre e que ele vai continuar.

Queremos concluir o Casal Agrícola e montar decentemente as oficinas, sem prejuízo da alimentação, vestuário e educação dos cento e tal rapazes que continuam a crescer para a vida, e enriquecer o Património dos Pobres.

Aqui continuamos esperando a visita e auxílio dos nossos amigos enquanto não vamos à procura deles Pelas igrejas, cinemas e praias desse Portugal além.

P.º Adriano

Os dois azes de Viana são o Hélio mais o Abel. Mal chegados à estação, dirigem-se ao senhor Zé Rancheiro. Chegam às 8 horas e recebem instruções aonde hão-de jantar no dia seguinte. Ao que eu apuro, existem famílias em Viana do Castelo que vêm pedir ao senhor Zé Rancheiro a companhia dos dois felizes vendedores. Abel conta que na quinzena passada, era tudo portista a família aonde foram. Pai mãe filhos tudo. E o Abel também é. Ficou de fora o Hélio. Hélio é sportinguista. Houve um ataque cerrado. Todos se atiraram ao rapaz, inclusive a dona da casa, que o ameaça não lhe dar de comer se o rapaz não muda de clube. Hélio resiste. Resiste aos senhores

e resiste também ao jantar fumegante! Que não, e que não, e que não. Nem por cem contos eu troco. Ora vejam os senhores do sporting a força deste rapaz.

Nem por cem contos! O Hélio pode quebrar, sim, mas torcer é que não. Por isso eu lhe tenho dado licença para usar nos dias de festa um anel que um senhor lhe deu; e não vem longe o dia em que eu lhe não faça entrega definitiva. São muitos os compradores que costumam dar objectos e beijos aos vendedores do jornal. São muitos, pelo que deles oiço aqui. Por isto vejam os senhores e meditem se eu sou ou não um exenauado. Eu amo-os a todos mais do que ninguém. Eu não os encontro de vez enquanto, mas tenho-os á minha roda a toda hora. Se um se fascina ao vê-los passar na rua, que será de mim, que os vejo crescer! Eu ando extenuado.

Hoje de manhã estiveram no meu quarto dez deles. Gosto de os ver antes da partida. Carlos vem buscá-los na sexta-feira à noite. Entrega a cada um seu lote e faz a todos um sermão. Sabado, manhãzinha, anda o Morris; ora foi um nadinha antes, que todos estiveram comigo. Sobretudo, camisolas, mei-

as, tudo; só o Presidente é que não. Presidente apresentou-se com umas calças que não eram suas. Quis saber e soube. Ele mesmo o disse: *roubaram-me as minhas calças*. Eu só peço aqui uma coisa; é que não digam nada. Se isto se vem a saber no Porto, é o nosso descrédito.

Agora mesmo saíram do meu quarto uma data deles, chegados da venda. O Serafim toma a palavra e informa que os senhores os querem ver de calças compridas por causa do frio. Eu acho isto uma dulcíssima intromissão. Isto é um mundo de piedade. E' a mais estrondosa afirmação de um sistema.

São os homens a comungar! Ora eu quero dar uma satisfação.

Eu chamo ao pé de mim todos os vendedores antes da sua partida e vejo cada um com o seu sobretudo. Agora o que eu não sabia e sei porque mo disseram, é que eles deixam em casa aquele agasalho para não estorvar. Dizem que os atrapalha. Para a próxima vou aqui recomendar-lhes que não tornem a fazê-lo.

O Hélio, que se chama Manuel Henriques, é o az dos presentes. Pediu-me para levar à venda o anel que lhe tinham dado na outra quinzena, porque um senhor prometeu gravar duas letras. Hoje apresenta-se com um formoso caxecol. Era imponente! Eu apitei. O rapaz, mais imponente ainda, mete a mão ao bolso e rapa de umas luvas: *olhe mais isto*.

Eu tornei a apitar. O vendedor torna a meter as mãos ao bolso, tira de lá um papel e dentro dele era uma nota de cem. *Também me deram isto*. O Hélio tem olhos de lume. Fatsca vida. Vai-me dizendo de como e quanto é amado. Eu fecho os meus e disfarço para não chorar de tristeza. E' a mãe; era a mãe que devia possuir e gozar este seu filho! Ela a pecadora! Os mais vendedores estão ao pé. Albertino dá-me recados da *senhora do Mel*. Hélio torna a falar. Diz ele que é preciso mandar rapazes muito espertos para a venda de Viana, *porque ali vendem-se outros papeis à porta das igrejas*. Ele tem gesto e palavras desembaraçadas. Eu disse-lhe que ia pôr no jornal a pedir os senhores que lhe não dessem mais coisas, mas ele não acredita. Ele sabe que mesmo que eu o faça, os senhores não me obedecem. Ele sabe que vence! E por remate diz-me da *senhora dos coelhos*, que se chama Hélia e já lhe deu um casal deles brancos. Ela perguntou-me se a coelha já teve crias e eu disse-lhe que sim, e que se não tivesse tido, era hoje o dia de eu trazer mais um casal.

Ora eu peço aqui à senhora D. Hélia que tenha pena de mim.

Eleições e bolo rei

Foi no dia 6 de Janeiro. Tomei o Morris e às quatro estava no Porto. Os rapazes esperavam. Já se sabia o nome dos propostos para chefe. Entramos todos para a biblioteca. A roda de uma mesa sentaram-se votantes e votados, eram 16. O resto da comunidade estava presente. Entregam-se as listas brancas. Daí a nada apuram-se. O Carlos teve catorze votos de dezasseis votantes. Houve cumprimentos. Elvas *acaçou-me* cem escudos e foi à confeitaria Cunha comprar um bolo rei. No regresso pedi-lhe o troco e ele disse-me que fora à risca... Entrementes, o Re-eleito tinha ido à dispensa por uma garrafa de vinho do Porto, mas nesta altura entra um nosso muito amigo com sua esposa e disse que não. Vinho do Porto não. E manda a sua casa buscar Espumoso! Até aqui os factos comezinhos; o superficial. Agora vamos à altura das coisas. Primeiramente consideremos o tino dos eleitores. O Carlos é duro. O Carlos é um rapaz severo. Por vezes aparecem-me aqui alguns dos seus subditos a chorar e eu digo-lhes que nada posso fazer e peço-lhes que cumpram o seu castigo e eles assim fazem e ficam amigos. Isto significa que houve justiça. Tino, sim. E tão de parabéns os rapazes do Lar. Digo mais; está de parabéns a cidade do Porto. Quanto a mim, digo a palavra interior: *Bendito Deus nas suas obras!*

Carlos levanta-se ao saber do resultado. Outro qualquer produ-

ziria um extenso discurso. Ele não. Ele diz apenas, voltado para mim e com voz firme: *Pai Américo tenha confiança em nós.* E eu digo ao mundo; homens da actualidade; tenham confiança. Confiança!

O meu médico assistente, quis levar-me ao Porto e eu fui mais ele a dois Especialistas. Eu não os conhecia. Tão pouco eles a mim. Mas um e outro, mal me viram, exclamaram espontaneamente: *e quando você morrer?* São homens inteligentes. Homens de grande posição. Trazem no peito uma ansia. Querem a continuação da obra que já amam. *E quando você morrer?* Ora para estes e outros assim, responde o acto eleitoral. Confiança. E para os que vivem da fé, esses têm consigo a certeza irrefutável de que as nomeações para cargos desta natureza, são feitas directamente por Deus. Eles sabem que eu só morro quando estiver à porta e pronto a tomar conta o que me vier render.

Acabado o acto no Porto vim para Paço de Sousa, aonde também houve eleições com o Espumoso e bolo rei. Gosto das coisas espumantes. Caiu a sorte no Fernando Bartolo. De quarenta e dois votantes, ele teve 32 votos e escolheu o chefe sessante por adjunto. Aqui não há candelas às avessas. Aqui não há trombas. Nós somos a democracia, e quando as coisas não correm bem, implanta-se a ditadura e prá frente é o caminho.

O que nós fomos fazer aos Açores

Havia muito que as Autoridades da Ponta Delgada nos tinham solicitado uma visita à Ilha e a opinião acerca de uma possível fundação semelhante à casa do Gaiato. Que tinham ali, por habitar e no meio de uma quinta, uma casa que lhes parecia servir e pediam a minha presença. Eu atei-mava que não era preciso; que a regra da nossa vida anda na letra do famoso. Eles, ao contrário, atei-mavam que não. Venceram Fomos.

É uma casa construída de raiz e perfeitamente adequada a uma comunidade grande. Não falta ali nada. Há sobriedade. Há elegância. Pode-se ali educar o rapaz. A quinta é formada por um bloco de sete hectares. Eu disse que sim. Esperamos em Junho que venha estagiar nas nossas casas um sacerdote do Seminário de Angra. No próximo Outubro regressará. Eu prometi ir à inauguração. Uma governanta, o assistente, uns dez rapazes da rua e mais ninguém. Assim começamos nós no Continente e hoje somos quinhentos. As im dem começam no arquipélago e podem amanhã ser outros tantos. É o rapaz quem faz tudo. Deixem-no. Libertem-no das clássicas regras do Internato, que ele depressa procura as regras interiores de uma vida séria.

O desejo das Autoridades em fundar ali uma obra como a nossa, está perfeitamente de acordo com o método do tempo. Há hoje um grande interesse pela salvação da criança desajustada e uma grande revolução no método de a ajustar; verificando-se por toda a parte a tendência de quintas ao ar livre e rapazes arejados. Sem saberem uns dos outros, os actuais fundadores destas organizações, bebem na mesma fonte e dão no mesmo vinte. Eu cá fico admirado quando da Suíça, e da Noruega, e da França, e da Itália, e de Espanha, e da América me mandam relatórios e pedem relatórios. É de veras interessante notar a semelhança de princípios. Eu pasmo e alego-me. Fico muito contente, sei que não estou sózinho.

Isto é uma observação natural das coisas e dos factos, mas eu não quero ficar por aqui. Eu quero su-

bir mais alto. Quero ir às origens. Este interesse nascente pela criança-vítima, é um toque de Deus. Como nos tempos apostólicos, também hoje e para este fim se dão carismas. Há uma intuição. A unidade de pensamento e acção, tal qual aparece nos supraditos relatórios, é uma prova. Ainda é hoje o Espírito Santo quem renova a face da terra.

E aqui está porque é que nós fomos aos Açores. Poderiam as Autoridades, ter solicitado e examinado estatutos de Obras de Assistência e entre estas escolher a melhor. Não. Não o fizeram. Escolheram uma que sirva a criança.

DOCTRINA

De entre as inúmeras cartas que recebemos esta semana no Depósito, vinha uma assinada de cruz, contendo uma soma considerável, aonde se lia esta frase admirável: *Quanto mais dou mais tenho que dar.* Estas singelas palavras assim como o dinheiro, saíram de uma pessoa de coração e de inteligência. De uma pessoa que vem colhendo a sua vida a experiência disto que diz e faz. Ninguém lho disse. Não aprendeu nos livros. Não é um jogo; com a verdade não se joga. É um sentimento pessoal.

Esta é a medida do Senhor. *Aquêle mais tenho que dar,* é uma natural consequência do *quanto mais dou.* E isto é assim por ser do Evangelho. Não há outra razão. Ninguém procure noutros campos de acção a simplicidade das coisas profundas.

A medida do Senhor é de cêntimo por um. Claro está que este senhor da carta, não dá à toa. Não dará nesto sem dôr e, com certeza não o faz sem equilíbrio; sem discernimento. Não o faz sem pensar como e a quem. Não o faz, sem primeiramente pôr as mãos, levantar os olhos e agradecer ao Pai Celeste a suficiência da sua vida. Mas ao de pois dá. Dá e fá-lo todos os dias, porque quanto mais dá mais tem que dar. E se não desse não rece-

(Continua na quarta página)

TRIBUNA DE COIMBRA

NATAL DOS LÁZAROS Nós não faltámos. Eram cinco dos nossos rapazes do Lar e eu. Coimbra faltou, apesar de eu a mandar portar bem. Só estava Oliveira de Azeite com bolos e frutas (já há muitos anos que vem) e a Maria da Graça e a Teresinha e uma senhora com brinquedos, mas já chegou atrasada. Quem não foi não teve a felicidade de ver as mãos dos doentinhos erguidas para Deus e muitas lágrimas nos olhos e muitos risos de alegria franca e muito sofrimento e muita resignação.

As visitas aos doentes são graças que Deus nos dá, assim nós as sabemos aproveitar.

CASAS PARA POBRES Ontem esteve aberta a primeira casa de Pobres em Miranda que hoje à tarde, véspera de Natal, vai ser habitada.

O Snr. Presidente da Câmara tinha-me dito que havia de ser uma romaria e acertou. Não faltou ninguém. À noite dois dos nossos rapazes que estiveram por ali diziam: *houve bocados em que não se rompia; era só gente.*

Quando se começou aquela casa houve um homem que foi à Câmara para embargar a construção, mas veio de lá corrido. O povo não compreendia. Nunca tal se viu! Fazerem-se casas tão boas e tão adaptadas à família que se há de ir habitar e depois dar-lhas a título meramente gratuito! Isto não cabe na cabeça de toda a gen-

tel Parece loucural E é. É a loucura de S. Paulo e daqueles que destemidamente querem seguir o Mestre que também foi vestido de louco.

O povo agora compreende e quer ajudar. Ontem deixaram louça, feijão, batatas, açúcar, azeite, dinheiro e muito amor. O carpinteiro deu um di. Um senhor foi lá e poz a casa no seguro e fica tudo por sua conta. Para onde isto vail...

De Mira veio uma cama e cem escudos para o colchão; duma família visitante o avô pega de sete moedas de 10\$00 e entrega para sete telhas, *tantas quantas os meus netinhos.* De Coimbra roupas usadas para o Património; e um envelope com quinhentos deixado no Castelo aos Arcos.

A pobre que vai habitar a casa nece sita muito de nós. Era de Coimbra e estava a servir e lá casou. O homem tinha comprado umas paredes velhas cobertas e para aí vieram habitar. Não chegou a passar a compra para seu nome. Adoeceu e os médicos nunca deram com a doença. Faleceu deixando três filhos e vésperas de quatro. O mais velhinho tem a doença do pai, diz a mãe. Deviam de herdar um pedacinho de terra, mas como não pagaram os funerais e uma dívida dos pais, assim está tudo ainda...

A Igreja nos seus primeiros tempos tinha um cuidado especial com os orfãos e viúvas. A Igreja é a mesma e cá temos nós.

Ajudem todos.

PADRE HORACIO

RETIRO

Eles aqui estão. É um grupo dos nossos maiores das várias Casas do Gaiato. Os de Lisboa vieram no Prefect conduzidos pela mão do Pedro, o volante número 1 da Obra. Os de Coimbra e S. João da Madeira, seguiram por maneira diferente. Os de Paço de Sousa, tomaram o comboio em Cete; e os do Porto tomaram o dez que os deixou em S. Roque da Lameira, aonde o Retiro foi. Já não era pouco se isto tivesse sido uma simples reunião para trocar impressões e pôr linhas mestras. São rapazes de todas as casas. Sabem o que querem



fado nesta escola. E ao contrário, digo e afirmo que qualquer um, sem esta formação, pode ser um inimigo.

É o Decálogo, digo. Nós não temos, nem conhecemos, nem queremos outra regra de instruir e de educar. Eles aqui estão. No próximo ano hão-de novamente estar. Toda a massa necessita de fermento.

O Padre João Evangelista, que se confunde e está no meio deles, foi o az do Retiro. Todos os rapazes ficaram a morrer por mais. O Padre João Evangelista é da diocese de Coimbra. Da diocese de Coimbra são os actuais Padres da Rua.

Do que nós necessitamos

Esteve ontem aqui o chefe do Lar do Porto. Trazia uma data de cartas que ali tinham ido entregar, umas na caixa outras em mão e todas com notícias do Natal. Espantoso! É o Natal. E' o mistério da Incarnação. Os que acreditam e os que não acreditam, dão igualmente testemunho. As cartas e pacotes retirados do Espelho da Moda durante esta quinzena, são igualmente notícia do Natal. Espantoso! O mesmo se diz das quantias em dinheiro e das joias que o povo do Porto e de Braga, nas ruas, entregaram aos nossos pequeninos vendedores. Incrível! Ao Hélio deram-lhe para ele mesmo um anel precioso; tão lindo que o tornou apaixonado e eu deixei que ele o use por uma temporada. Dinheiro e jóias é muito, mas ele há quem lhes dê muito mais; de uma vez que eu passava ao longe vi beijos. Um senhor qualquer abraça e beija o pequenino a quem tinha comprado o jornal. É o mistério da Incarnação. Mais 500\$ das Caldas da Rainha. Mais um Engenheiro de Bragança que veio passar o natal com a família ao Porto, esteve aqui e deixou-nos uma pancada de notas. Mais 300\$ de Algures. E esta? Dezasseis portugueses que trabalham em Venezuela, residentes em Caracas, mandaram 27 dólares por intermédio da Emissora Nacional. Mais 150\$ de Lisboa. Mais 50\$ do Porto. Mais esta carta.

«O pessoal da Escritório da Sociedade Nacional de Petróleos «SONAP» em serviço na Sede, reuniram-se em subscrição nas vésperas do Natal, em favor da Obra que V. fundou e mantém. 407\$50».

Mais 100\$ do Porto. Mais 2.000\$ de Algures. É um rapaz de 20 e poucos anos. O que este rapaz não poderia ter feito naquela cidade, com este dinheiro; e o que ele fez! Mais do Porto, 120\$. Mais 20\$ de Lisboa. Mais 200\$ de Tomar. Do Brasil chegaram 1.200\$. Mais 100\$ de Elva. Encomendas postais das mais variadas coisas e cartas, não são de dizer! Mais 500\$ do Porto. Mais 100\$ da mesma terra. Mais do Xai-Xai um cheque de 600\$. Mais de Gaia, 100\$. Mais 20\$. Mais de Gaia, 50\$. Mais 20\$. Mais 100\$ de S. Bernardino. Mais metade de Almodovar. Mais 200\$ de Coimbra. Mais 50\$ idem. Mais 300\$ da Câmara dos Correctores. Mais 50\$ da percentagem do meu trabalho. Isto é que se chama dar; o resto não vale nada. Mais 100\$ do Porto. Mais 150\$ da Fonte da Moura. Mais 500\$ de Vila Pery. A Maria de Lunda, eu digo que sim. Que recebemos. Que aqui se recebe tudo e tudo cá vem ter. Outra vez Maria atribulada.

Mais 100\$ idem. Mais 200\$ do Porto. Mais 20\$ da Praia da Granja. Mais 50\$ uma promessa. Mais esta carta de Lisboa:

«Não pode calar-se Bem que faz o «Gaiato»! Ao lê-lo o meu egoísmo diminui e sinto que não tenho o direito de desejar o superfluo quando a tantos falta o necessário.

Envio 600\$ do meu primeiro ordenado e gaste-os como achar melhor».

Por estas e muitas outras podemos concluir sem receio que o

cristianismo é a religião verdadeira. Quem se meter no estudo das religiões comparadas, termina na confusão; mas quem ler e meditar o que nos escreve hoje a Maria de Lisboa, não tem dúvidas e afirma.

A sogra do filho do Dr. Zé-quinha, tornou; agora com duas gabardines que são um luxo.

Mais o Carlos do Porto que chegou aqui ontem à noite com um bolo-rei do tamanho da roda de um carro de bois, oferta da Confeitaria Ferraz e mais 180\$ da mesma; e uma carta com mil escudos e uma dita com metade e uma dita com 411\$ e 20\$ avulso. E mais e mais e mais. Será que vamos ter um segundo Depósito no Porto? Se tal é, quem puder que se salve! Mais esta carta que o Carlos também trouxe na ocasião:

«Aqui vai um mealheiro para escaqueirar no Ano Novo.

Mealheiro que é, é de migalhas que ele está cheio; migalhas... de migalhas que são os vencimentos dos funcionários—da Câmara e de toda a parte...

O destino a estas migalhas dá-lo-á o Pai Américo. A única coisa que gostaríamos de saber é o quantitativo do recheio, de que se não tomou nota. Se, pois, for possível dizê-lo num dos primeiros números do nosso Famoso...

No lugar da assinatura, vem *Um das dezenas de funcionários da Câmara do Porto.*

Contou-se o dinheiro. Além de uma nota de 20\$, a qual vinha embrulhada num papel, apareceram mais; 108 moedas de tostão, 78 ditas de 2 tostões, 84 de cinco tostões, 32 de dez tostões, 11 de 2\$50, 16 de 5\$. Feitas as contas, verifica-se um total de 227 actos de amor a uma causa humana. Sendo humana tem de ser justa. Sendo justa tem de ser de Deus. Eis como se ama! Mais 2.000\$ retirados de uma carta formosa que um leitor de o gaiato deixou no Espelho; e muitas outras que ali deixaram. Mais 20\$. Mais outro tanto. Mais 80\$70 do pessoal da caixa de Previdência dos Técnicos e Operários Metalúrgicos e Metal-Mecânicos de Lisboa. Devo aqui declarar que o pessoal do Vacuum do Porto nunca deixou de depositar no Banco 50\$ mensais. Mais de Olhão 200\$. Mais 20\$ de Leixões. Mais dos Pilotos do Douro e Leixões 125\$. Que Deus guie quem nos guia. E mais nada.

ATENÇÃO

É um recado às senhores assinantes. É só para dizer que muito e muito nos ajudariam, se pagassem as suas assinaturas com o próprio nome que recebem o Famoso. Eu passo os dias a ralar ao Avelino, por não despachar o monte de cartas que tem à sua frente; e ele passa os dias a dizer-me que os assinantes trocam os nomes ou não os indicam tais quais; e também ralha! Ora aqui está de como as coisas se passam na Casa do Gaiato.

O melhor e mais limpo seria, até, enviar cada um o endereço do jornal, na maré em que manda o dinheirinho. Isso é que era.

Património dos Pobres

O Zé Eduardo, que chegou ontem de Miranda, disse-me que no dia de Natal o Padre Horácio fizera ali entrega da primeira casa a uma família. Que os vizinhos lhe encheram a casa de géneros. Que esta fica situada à beira duma capela, aonde Padre Horácio celebrou missa de festa tendo comungado a família ocupante. Mais me disse Zé Eduardo que Padre Horácio tinha feito uma prática muito linda, mas ele, a bem dizer, não precisava de falar. As obras é que falam. Melhor do que ele pregou a viúva a qual, segundo informação que tenho, convida o celebrante e alguns gaiatos e oferece-lhes café. Café, que é do que os pobres mais gostam. De tal maneira se confunde nisto o humano com o divino, que mui difícil é distinguir aonde um começa e o outro acaba. E aqui reside o formidável segredo desta obra!

Em Miranda do Corvo foi no dia de Natal. Em Paço de Sousa, no Ano Novo. Fazia sol. O pároco da freguesia tinha prevenido. A ambulância dos bombeiros fez o transporte do pobre do Abel, por entrevado. É o sr. Santos. As casinhas tinham sido munidas e enfeitadas de véspera. No dia próprio os nossos rapazes dispersaram em grupos consoante a sua escolha e foram compartilhar. Era o povo da freguesia mais eles; o



Elas aqui estão. Duas casas, dois tamanhos; uma de um e uma de dois sobrados e ambas com sua cozinha e quintal e corte da ovelha.

acontecimento era de todos. O Abel, por ser vicentino e ter um seu pobre nas novas residências, levou consigo, para entregar, saquinhas de chita com dinheiro em prata e fitas do mesmo tecido para aplicar nas chaves das portas. Disse-me o Abel, no seu regresso, que o povo chorava de contente, enquanto ele fazia entrega aos inquilinos. Da mesma sorte outros rapazes de outros grupos, contavam-me o que tinham visto e ouvido durante aquela tarde de sol de inverno, enquanto visitavam as novas casinhas e seus moradores. O que eles gostaram mais de ver e muito apreciaram, foi a presença dos ocupantes das primeiras casas que nós distribuímos em Setembro. Eles moram noutros lugares, mas quiseram vencer a distância, marcar presença, chorar. Eu tenho para mim que todos nós, ao saber destas felizes notícias, devemos trabalhar por uma verdadeira renascença e instaurar nas nossas celebrações, a perdida alegria cristã. Esta alegria tal qual aqui se descreve. Esta alegria, aonde o humano e o divino se confundem. Esta alegria que fica dentro da nossa alma, a falar nos na presença de Deus. Esta alegria, finalmente, que nos torna a vida leve e a morte feliz.

Agora

Vai aqui um de São Mamede com 60\$00 para uma telha. De Alagoas, Brasil um assinante enfileira com 1 000\$00. Um de Parede vai com 20\$00. Outro tanto do Porto. Um José leva 540\$00. O Angelo Madureira vai com 100\$00. Um lisboeta fala com 20\$. Mais esta carta:

«Secundando o apelo para que na Noite de Natal, nos lembrássemos do Património dos Pobres, os meus familiares, que, nessa noite, se reuniram em minha casa, fizeram entre si um peditório que rendeu a quantia de 110\$00, que encontrará junto a esta, importância bastante modesta para aquilo que desejariamos dar.»

É uma resposta humilde ao apelo que nós aqui fizemos na maré do Natal. Ninguém fique triste por só um ter acudido e este, com tão pouquinho. Ninguém fique triste. Muito ao contrário, alegremo-nos todos com a boa vontade dos familiares que se juntaram naquela noite à roda daquela mesa modesta, aonde colheram a importância bastante modesta para aquilo que desejariam dar. Alegremo-nos. Uma carta que recebemos de um Banco diz assim: *Donation faite pour construction des maisons des pauvres au Portugal.* Formosa como é, já não chega a nossa língua para cantar os louvores de uma obra humilde ao serviço dos humildes. Já não chega. É preciso recorrer a outras! Quem quizer ser verdadeiramente poderoso e admirável, coloque-se desinteressadamente ao serviço dos fracos; e vá até à morte. Mais do Porto uma telha de 20\$00. Mais 200\$00 do Porto.

Os Empregados da Filial do Banco Espírito Santo em Guimarães vão aqui todos com 225\$00. São os bancários. Castelo Branco também vai com uma migalhita.

Um assinante de Funchal não quiz ficar a ver os outros e apresenta-se com 900\$00. Atrás vai um de Lisboa com 100\$ para a luminosa obra do Património. Luminosa! Que lindo nome! Deus é luz! Todos as suas obras são por natureza luminosas. Ficamos a distância de 891.500\$00

VISITANTES

Eu tinha saído e no regresso, um cicerone deu-me um pequeno bilhete, a lápis, e uma carta. O bilhete, eram duas palavras da Ana dos Aviões e a carta tinha cinco notas de mil, que ela deve ter arranjado entre os seus amigos voadores. Que beleza!

Dizia ela, no bilhete, que se foi embora com pena de me não ter visto e eu com mais, de assim ter acontecido.

Cada vez gosto mais dos aviões e dos seus arrojados tripulantes; Sobretudo dos nossos,—porque nossos. Assim como no mar, gostaria que no ar nós fôssemos. Fôssemos mais e maiores. Sempre mais.

Aqui deixo à Ana a minha simpatia pelo seu fervoroso interesse à Casa do Gaiato.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA No sábado, dia 8, dia Santo e feriado, tivemos no nosso campo um encontro de futebol entre as equipas dos gaiatos de Paço de Sousa e o grupo Desportivo da Secretaria do Hospital G. de Santo António.

O nosso team alinhou da seguinte forma:

Bártolo; Gastão e Manel; Durães, Sérgio e Armando; Jacinto, Orlando, Amadeu, Chico e João.

Com boa assistência, os gaiatos são os primeiros a entrar no rectângulo. Entretanto aparecem os costumados fotógrafos. Passados cinco minutos aparecem os visitantes, que são bem constituídos.

O desafio principiou às 3,15 minutos com bola de saída dada pelos gaiatos. Os primeiros momentos de jogo são favoráveis aos visitantes, que no 1.º minuto abrem o marcador, com um potente livre ao canto direito tornando inútil a estirada do nosso guarda-linha. O resultado passa a ser 1-0 a favor dos visitantes. Mesmo assim os nossos não desanimam e atacam obrigando o guarda-linha adversário a ceder canto. Marcado este nada resulta. Os gaiatos estão ao ataque, e eis que surge o gol do empate, por intermédio de Orlando.

Os gaiatos animam e atacam com fúria, mas a defesa adversária está atenta e desfaz o perigo. E' apontado livre perto da grande área dos visitantes. Apontado este castigo por Sérgio, não modifica o resultado e o intervalo aproxima-se com os grupos empatados a uma bola. E com ambas as equipas a jogarem de igual para igual, ouve-se o apito para o intervalo.

Na segunda parte, os gaiatos mostram maior domínio de bola e mais acertados que o visitante. E aos 15 minutos do jogo recommoçado surge o 2.º ponto dos gaiatos, obtido por Durães passando o resultado a 2-1 a nosso favor. Mais umas jogadas com bola fora e 3.º ponto dos gaiatos pelo mesmo jogador Durães. O resultado parece, agradar aos visitantes. Ambos os grupos jogam para passar o tempo final, mas mesmo assim Chico fixa o resultado em 4-1.

Os grupos portaram-se correctamente, e a arbitragem de Raul Teixeira satisfaz.

MANUEL PINTO

S. JOÃO DA MADEIRA De hoje em diante, começa a des-pontar mais um escritor para o mundo. Esse escritor, sou eu, que passarei a contar os senhores como vai a nossa faina cá por S. João da Madeira. Para abrir o programa vou fazer um pedido. E' que infelizmente ainda não conseguimos arranjar um relógio de sala para nos regularmos. De manhã quando não chove ainda nos vamos regulando pelo sol; como faziam os nossos avós. Quando não há sol, quem nos vale são os vizinhos. Os senhores nem calculam o geito que nos fazia um relógio. Já tem acontecido alguns rapazes chegarem tarde aos empregos e se os senhores não se esquecerem de nós, tal não mais aconteceria e passava a haver mais ordem. Como é o primeiro pedido que faço, espero que os nossos amigos leitores me não deixarão ficar mal. Fico aguardando.

Ainda aqui estou a pouco tempo, mas já notei quanto são nossos amigos os Sanjoanenses. Todos nos abrem as suas portas e oferecem os seus préstimos, para tudo o que nos seja preciso. Ele é cinema que mesmo repleto, vão até a gentileza de nos abrirem camarotes, só para nos serem agradáveis. Ele futebol e Oquei em Patins, tudo para nós está aberto. Ainda há pouco uma família muito nossa amiga, sabendo como a nossa casa é fria e quão minguados estávamos de cobertores, foi pelos parentes com uma lista e arranjou dinheiro para a compra de meia dúzia de cobertores. Além destas, outras ofertas temos recebido. A todos pois, um muito obrigado dos gaiatos de S. João da Madeira.

Os senhores que nos ajudam estão com os olhos em nós. E nós vamos fazendo o possível para sermos dignos da amizade que todos os Sanjoanenses nos dedicam. Avante e Viva S. João da Madeira.

A venda do famoso ultimamente tem descaído um nadinha. E quem nos tem de ajudar são os Sanjoanenses, mais os senhores de Ovar e de Oliveira de Azemeis e de Aveiro e de Espinho e da Costa Nova. Os nossos vendedores dizem que os senhores andam um bocado arredios. Ora os senhores, não devem querer que a gente em vez de subir, desça e então lá iam por água abaixo os nossos pergaminhos. O nosso Pai Américo já nos disse que eramos uns

armantes. Que dizíamos que vendíamos e vendíamos e afinal não vendemos nada. Está, pois nas mãos dos senhores, tirarem nos de apuros.

Do nosso Conferência — Ao apelo que o Inácio fazia num dos últimos números do Famoso, pouco ou quase nada recebemos E é de lamentar. Soubessem os senhores como andamos necessitados de coróas. Em caixa temos Zero e na mercearia, de onde levamos os gêneros para os nossos pobres, temos um grande calote. E nós que todos os dias temos de passar pela frente da mercearia e termos de tapar a cara, para que nos não venham pedir o que devemos. Os senhores larguem tudo que tenham em mãos e pensem connosco um bocadinho. Pensem como não há de ser a nossa tristeza. Sem um centavo e tanta miséria à nossa frente. E nós que muito queríamos fazer; e sem nada pudermos fazer. Acudem-nos e mandem-nos um pouco do vosso pouco e nós voltaremos a ter alegria. E ainda há mais, meus senhores. Estamos no Natal. Que tristeza a nossa, sem pudermos levar um presente que pudesse consolar o nosso pobre, nesta para muitos alegre noite. Sim, porque para os pobres esta noite há de ser muito triste. Eles que não de pensar no conforto, que os ricos disfrutam, ainda mais triste lhes parecerá a Noite de Natal. Quasi que me dá vontade de gritar e gritar, aqueles que passaram os olhos por cima destas mal escritas linhas e nem sequer estremecerem. Eu sei que tal não acontecerá, com os nossos amigos leitores, pois são muito nossos amigos. Fico aguardando a vossa generosidade, caros leitores e não demorem para o nosso tormento não ser tão grande.

Fernando Marques

COIMBRA A nossa Conferência — O Natal dos nossos pobres foi o melhor que nós podíamos conseguir. Todos ficaram imensamente agradecidos com o que lhes levamos. A todos levamos uma quantidade de mercearia e roupas que nos deram nestes últimos dias.

Passaram um Natal alegre e feliz.

Nestes últimos tempos chegaram até nós os donativos seguintes: 150\$00 da Senhora africana. 50\$00 vindos de Oliveira de Azemeis. 20\$00 de uma covilhense que veio até nossa casa e que ficou muito contente em ver a nossa casa arrumadinha. Uma senhora da cidade «Lusa Atenas» veio com 1 kilo de arroz, de açúcar, de massa, 1 litro de feijão frade e de azeite, 1/2 kilo de farinha e de bacalhau. Também nos deram 1 cobertor. 2 chailes em estado de novo, 1 lençol 1 par de pantufas, 2 pares de sapatos, 2 pares de meias — um de senhora e outro de homem, 2 cobertores, um para a pobre de Montes Claros e outro para a pobre da Estação Velha. Roupas interiores. Um senhor que trabalha na Farmácia Viegas & Coelho, 3 kilos de arroz e

(CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA)

beria. Isto é doutrina certa

Ora este prelúdio vem aqui, como preparação próxima dos meus leitores, para que oíçam, guardem, meditem e façam um acto de fé divina; e ao depois compreendam e acreditem divinamente na estrutura da nossa Obra. Durante o mês de Dezembro, em que estive sempre na cama, recebemos de todo o mundo a passar de trezentos contos! Eu sou um padre pecador. Antes de subir os degraus do altar, confesso-me tal, ao nível do povo ali presente, e peço a todos perdão dos meus pecados por pensamentos, por palavras e por obras. Enquanto subo os degraus, vou pedindo a Deus, baixinho e a tremer, que tire do meu coração toda a impureza. E uma vez em cima e enquanto beijo a pedra aonde se encerram relíquias de Santos, outra vez peço a Deus indulgência, pelo mérito daqueles Santos. Eu sou um padre pecador. Aonde devemos ir buscar a última razão desta incrível soma de dinheiro? Aonde a maneira e as palavras com que o oferecem? Aonde? Nada. Nada de especial. Tudo muito simples; E assim a água das fontes. Porque muito damos é preciso que haja muito que dar. Eis

uma garrafa de compota para a nossa pobre cancerosa. Um frasco com licor de tangerina, etc...

A todos estes senhores e senhoras que nos ajudaram com as suas esmolas estamos muito agradecidos.

A nossa Conferência tem-se mantido de pé até hoje com a ajuda das esmolas que vêm chegando até nós. Os que não puderem ajudar-nos com quantias grandes façam-se subscritores mensais. O Cidral e uma parte da Av. Dias da Silva acolheram nos do melhor agrado. Esperamos muito da cidade como o mundo espera de nós. A tarefa vai começar. Esperamos de todos os comerciantes e industriais de Coimbra o melhor acolhimento. Temos apenas 40 subscritores mensais mas temos de conseguir mais. Os nossos pobres são 7. Todas as semanas os nossos confrades lhes levam a senha que tem o valor de 7\$00. Quantos mais subscritores tivermos mais pobres podemos auxiliar. Esperem os nossos confrades façam-se subscritores mensais. Eles levam uma caderneta e nela assinem o vosso nome e morada por uma quantia que nada custa a dar. Não exijamos mais do que um escudo. Ao fim do mês é uma consolação dar um escudo para os pobres. A todos peço que acolheis os nossos confrades da melhor vontade porque sem vontade nada se faz. Aos assinantes, desta cidade, do nosso jornal também peço que me leiam este artigo com atenção e depois de

reflectir se façam subscritores mensais e que não deixem passar este apelo em branco. Os nossos amigos de Coimbra têm a palavra.

Os doentinhos do Hospital dos Lázaros também passaram um feliz Natal. Lá veio a senhora da cidade Invicta com os bolos e frutas. Nós demos as broinhas e tangerinas. Todos foram contemplados. Não foi só dar estas pequenas coisas que fomos ao Hospital dos Lázaros, foi também fazer propaganda da doutrina do nosso Pai Américo. A todos demos um exemplar do nosso jornal.

Morreu-nos mais um nosso irmão. Desta, foi um dos pequenos que estava em Miranda do Corvo. Era de Cantanhede e por isso tinha o alcunha de Cantanhede. E teve neste Lar algum tempo e todos gostávamos dele. Foi no dia 30 de Dezembro último e por sorte vespas de fim do ano. A família enlutada desejamos lhe sentidos pesames e que a sua alma descanse na paz do Senhor.

Não quero que os caros leitores se esqueçam de que quando tiverem alguma coisa para entregar para a nossa casa existe na baixa da cidade a firma Porfirio Delgado—Rua Ferreira Borges 123 Telef. 2874 que alem de ser uma casa onde temos um nosso rapaz empregado é também uma grande casa comercial.

José Maria Fernandes

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Estiveram aqui de visita e até, alguns passaram dias, o Herlander de Coimbra, Zé Eduardo idem maio Faísca de São João da Madeira. São estudantes. Uns quase no fim, outros no meio, outros a principiar. Carlos Inácio também esteve. De todos eles o que mais se demorou foi o Zé Eduardo. Ele não faz senão queixar-se. Depois de o ter ouvido apurei que tudo quanto ele diz se resume numa só coisa; é a pensão. A pensãozinha. Ele quer em todo o modo que eu a levante; que o sr. Padre Horácio não lhe dá nada; que anda sempre a dever aos companheiros. E disse e disse e disse. E eu também disse. Olha,—não.

*** Faísca veio por roupa e por calçado; e também me pediu para eu o tirar da cópa. Os senhores lembram-se com certeza do que ele aqui fez e de como foi castigado a lavar a louça na cozinha do Lar; que se o não fizesse eu não o deixava matricular-se. Os senhores recordam-se. Pois saibam que o rapaz tem cumprido. Quanto ao levantar-lhe o castigo, vamos a ver.

*** Também cá esteve a passar o Natal mais nós o Amândio que se encontra no Caramulo. Eu não quiz mas ele veio. Esteve aqui uns dias. Eu ralhei. Pinte a macaca. Estavam outros e ouviram. O Amândio pede dinheiro para o regresso e eu tornei a ralar. Quando se esperava dele uma palavra de aceitação, ele vai e responde: Então o senhor meteu-se nisto e agora não nos quer aturar? E pronto. Amândio regressou ao Caramulo. Muito quero ao senhor Doutor Lacerda por ele me aturar por lá. Oxalá que me não ature nunca mais nenhum...

*** Não sei se os senhores deram fé de que o número do último Gaiato foi tudo obra do meu talento. Como estivesse de cama e o tempo sobrava, chamei o Abel e ele veio com o tinteiro e o papel. O Abel deixou a marca como ele e outros a têm deixado no meu escritório. Hoje quem entrar no meu quarto de dormir e olhar para o chão, lá vê a marca do Abel. Tintal. Pois eu ditava e o rapaz escrevia. O Candido da Tipografia vinha de vez enquanto por linguados que ele e outros compunham e que o Jacinto e outros imprimiam. Chegou o dia de vir às minhas mãos o jornal completo. Eu revisei emendei e ele torna a ir ao pré-

lo e de novo regressa às minhas mãos. Tornei a ler. Estava bem. Tudo no seu lugar. Gramática, estilo pontuação, tudo. Nisto Zé Eduardo abre a porta do meu quarto e senta-se ao pé de mim a fazer-me companhia. Eu tinha ali à mão a minha joia. Passei-lha e pedi que lesse alto e muito devagarinho. Eu queria saborear. Eu ia saborear. Aquela era a minha obra. O rapaz toma o jornal. Estende-o sobre uma mesa, puxa a cadeira e começa a ler alto e muito devagarinho. Não tinha acabado duas linhas quando me pergunta por um lápis. Eu respondi que não tinha lápis nenhum. Pergunta se eu tenho uma caneta e eu disse que não. Eu não tinha caneta nenhuma. Está aqui um erro, diz Zé Eduardo. E continua a ler alto e devagarinho. Outro. Levanta-se de onde estava. foi pedir uma caneta e desata a desfazer o que estava feito. De cada emenda dava sua explicação e para me consolar vai-me dizendo que é tudo da moderna caligrafia. Tantas e tais emendas, que o Jacinto esteve mais de trez horas a trocar letras e pontos antes de começar a imprimir. Fiquei triste da minha ignorância.

Apenas saído da porta após a minha muito falada doença, quem é que vem direitinho a mim, a perguntar se eu já estava fino? Quem foi? O fugitivo de Vila de Conde. Aquelle de quem se falou aqui, no derradeiro número, que veio pela mão do Senhor Bispo de Silva Porto. Pois foi ele sim senhor! E eu tinha-lhe chamado ladrão e outros nomes assim. Disse-lhe na cara que não desejava a sua presença, nem os companheiros o queriam. E ele assenta. Ele guarda. Ele não tornou a fugir. E é o primeiro a querer saber da minha saúde, após a doença! Espero que ele persevere. Que não torne. Nisso fará gosto o Missionário que por ele se interessou; as almas de Portugal são irmãs das do Bié

O pequeno vadio, pudera ter ficado em Vila do Conde. Ali era o seu campo de acção. Ali existe um estabelecimento para salvar delinquentes infantis. Mas é muito difícil. Aquelas casas não têm alma. Estão sujeitas à letra. Fazem falta em Portugal mais portas abertas. Há dias, em Lisboa, um Magistrado disse-me que há mais de 3.000 processos pendentes, por delinquências de menores. Para onde caminham estes menores?!